

# A construção do sujeito psíquico

José Jiménez Avello

**Texto apresentado** na 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi 2024.

**Tradução** Carla G. Bianco

**José Jiménez Avello** é psicanalista. Médico psiquiatra. *Full member* do International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS) e do International Sándor Ferenczi Network (ISFN). Autor de *Para leer a Ferenczi* (1998) e *La isla de sueños de Sándor Ferenczi* (2006 e 2024) [*L'île des rêves de Sándor Ferenczi*, 2012], assim como de artigos em revistas e capítulos em livros coletivos.

**Resumo** O tema começa a ser abordado através do texto de 1926 “O problema da afirmação do desprazer”, refletindo sobre o ciclo de construção/destruição/reconstrução, assim como sobre o mecanismo de cisão (fragmentação). O trabalho ensaia uma forma de aplicar a neoteoria pulsional que o autor concebe posteriormente à sequência descrita em 1926, recorrendo em parte a especular sobre a “misteriosa” noção de *Orpha*.

**Palavras-chave** construção; desconstrução; fragmentação; *Orpha*; pulsões de autoconservação; pulsões de conciliação.

**DOI:** 10.70048/percurso.73.65-72

1 S. Ferenczi, “O problema da afirmação do desprazer”, in *Obras completas*.

2 S. Ferenczi, “Reflexões psicanalíticas sobre os tiques”, in *Obras completas*.

A construção do sujeito psíquico, e o estudo de como decorre tal processo, é tema das sagas psicanalíticas, caras a Ferenczi, às quais periodicamente retorna para fazê-las avançar. Desta saga em concreto, escolho para começar a abordar a questão o artigo “O problema da afirmação do desprazer”<sup>1</sup> por ser, no meu entender, o ponto de encontro e articulação entre o Ferenczi seguidor de Freud e aquele que se arrisca a falar com voz própria.

Segundo esse artigo, o sujeito surge em um processo de construção que alterna períodos propriamente construtivos com outros nomeados como destrutivos, em que se produz um desmembramento do existente, o qual abre a possibilidade de uma reestruturação, mais afinada do que a construção previamente abandonada. O psiquismo, saudável ou patológico, aparece, portanto, por sucessivas voltas nesse ciclo de construção – destruição – reconstrução, que é preciso pensar mais como uma espiral do que como um círculo fechado, visto que a reconstrução amplia, nos casos favoráveis, o território da subjetivação.

Seria difícil pensar, nessa sequência, em como e por que ocorre essa destruição, se não fosse porque desde 1921<sup>2</sup> o autor havia começado a refletir em sua *bioanálise* sobre mecanismos de defesa que denomina “autoplásticos”, de modificação endógena, digamos, camaleônica, diante de ações lesivas do ambiente. Em particular, destaca o mecanismo de “autotomia”, em referência ao desprendimento de partes do corpo como defesa diante do agressor (a lagartixa que se desprende de seu rabo). O termo evoluiu, já em um plano estritamente psicológico, em direção ao que atualmente conceitualizamos como cisão ou clivagem, apesar de Ferenczi utilizar apenas uma vez uma



desde seus primórdios, é marca registrada da psicanálise a ruptura da barreira entre normalidade e patologia. Existe uma continuidade entre saúde e doença, regidas pelos mesmos mecanismos

terminologia parecida com essa quando escreve “autoclivagem narcisista”<sup>3</sup>. Pessoalmente, prefiro seu jargão próprio<sup>4</sup>, que nomeia cisão como fragmentação, e nos casos malignos como “atomização”<sup>5</sup> ou “desmaterialização”<sup>6</sup>.

Se não tivesse conceitualizado este mecanismo de cisão frente aos traumas exógenos como diferente ao da repressão, que Freud considerou até o último momento como único e universal<sup>7</sup>, sua teoria sobre a gênese do sujeito, tal como pensou Ferenczi, não teria sido possível nem coerente. O ciclo que Ferenczi descreveu poderia também ser expresso como construção – cisão (fragmentação) – reunificação.

Em um artigo anterior desta saga, “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”<sup>8</sup>, o autor já havia abordado a construção do sujeito, propondo uma série de etapas que vão desde a primeira, ainda intrauterina, de “onipotência incondicional”, até aquela em que o sujeito aparece conformado no “estado científico”. Ali já estava esse ciclo de que falamos, embora Ferenczi aluda principalmente às etapas de construção no sentido estrito, e deixe um tanto inacabada a

explicação de como uma etapa substitui a anterior. Sabemos que a mudança de etapa se produz quando esta fracassa e se faz necessária uma nova adaptação, mas não como se abandona a etapa fracassada, e como a partir daí se forma a nova.

“O problema da afirmação do desprazer”<sup>9</sup> vem preencher essa lacuna, dando conta de como ocorrem as mudanças de etapa através dos processos de cisão e reintegração, completando assim a passagem iniciada no artigo de 1913. Merece por isso a qualificação de escrito metapsicológico, ao poder ser pensado tanto para um desenvolvimento saudável do sujeito, como para diversas estruturações patológicas.

Desde seus primórdios, é marca registrada da psicanálise a ruptura da barreira entre normalidade e patologia. Existe uma continuidade entre saúde e doença, regidas pelos mesmos mecanismos, apesar de desenvolvidos de forma mais ou menos exitosa. A tal concepção responde até o próprio termo “metapsicologia”. Entretanto, ao estudar Ferenczi tenho a impressão de que a parte que faz referência ao crescimento saudável tenha sido pouco desenvolvida, debruçados como estamos sobre a atenção ao traumático.

A fragmentação é necessária para o progresso na constituição do sujeito. Dificilmente se pode conotar como sistematicamente danosa ou patológica a clivagem, quando na sua ausência o ciclo construção – destruição – reconstrução não seria possível. Ferenczi o atesta, anos depois (1930), ao escrever uma nota intitulada *Toda adaptação é precedida de uma tentativa inibida de desintegração*<sup>10</sup>. De tal nota se deduz que há sempre clivagem, e que esta pode ser denominada benigna, como *clivagem de vida*, quando se trata de um passo em direção a uma reunificação mais avançada, e maligna quando apenas destrói. A clivagem, portanto, pode formar parte de um *circulus benignus* ou de um *circulus malignus*.

Uma consideração se impõe: se o círculo fosse sempre maligno, seria perfeitamente adequado falar em construção – destruição, mas quando a clivagem colabora em melhorar a reestruturação do sujeito, a palavra destruição, se me

permitem a expressão, parece desafinada. Talvez seja mais coerente nesse caso falar em desconstrução, pegando emprestado o termo desenvolvido por Derrida<sup>11</sup>. O *circulus benignus* poderia denominar-se então como construção – desconstrução – reconstrução. Nos casos de *circulus malignus*, teríamos que falar em desconstrução destrutiva, mas a expressão não é atrativa, mais parece um trava-língua. Não sei bem como simplificar a alusão, mas posso resumir da seguinte maneira: a gênese do sujeito ocorre em uma sequência de construção – desconstrução – nova construção. Quando essa gênese sofre perturbações, a desconstrução não se detém, ou melhor, não é detida porque o outro não repara a falha que a iniciou, e esta continua até converter-se em destruição, em “desmaterialização”<sup>12</sup>.

Apresentei esses últimos parágrafos porque queria mostrar essa forma de entender a clivagem como clivagem de vida em essência, e assim conectá-la com a ação, nesse processo, das forças pulsionais, que para o último Ferenczi são sempre forças de vida, como comentarei mais adiante, ainda que possam ser abaladas por um entorno disruptivo.

Se supomos que alguém faz sua primeira leitura de Ferenczi de forma cronológica, e faz de

»»

*a gênese do sujeito ocorre  
em uma sequência de construção –  
desconstrução – nova construção.*

*Quando essa gênese  
sofre perturbações,  
a desconstrução não  
se detém*

suas ideias algo próprio, ao chegar a 1926 e ler “O problema da afirmação do desprazer”<sup>13</sup>, poderá notar como Ferenczi considera que nessa sequência a pulsão de morte, iniciada pelas falhas desprazerosas no cuidado do entorno, é a que conduz à desestruturação, e a pulsão de vida à reconstrução. Talvez nosso suposto principiante, até mesmo antes de chegar aos textos posteriores, já se atente no mínimo ao oxímoro, inesperado para ele, de encontrar a pulsão de morte trabalhando a favor da vida. Porém, se nosso iniciante não se aferrar a essas divagações, de qualquer forma vai se encontrar, seguindo adiante no seu estudo cronológico, com artigos e entradas nas notas póstumas que colocam em questão que seja sustentável essa explicação baseada na alternância de poderes, pois vai descobrir como Ferenczi vai sucessivamente abandonando o dualismo pulsões de vida – pulsão de morte e substituindo-o por uma nova teoria, na qual desaparece a pulsão de morte. Seguindo a cronologia, citarei como textos fundamentais nesta evolução, primeiro “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”<sup>14</sup>, e entre as notas e fragmentos destaco as de 19 de agosto de 1930, Toda

3 S. Ferenczi, “Notas e fragmentos”, a partir daqui *NF*, El nacimiento del intelecto, nota de 09 de abril de 1931.

4 Vale dizer que o termo *cisão* não abrange explicitamente a *cisão múltipla* à qual se refere Ferenczi que, ao contrário, fica evidente se a nomeamos como *fragmentação*.

5 S. Freud; S. Ferenczi. *Correspondance*, carta de 31 de maio de 1931.

6 S. Ferenczi, *NF*, nota de 10 de agosto de 1930. Toda adaptação é precedida de uma tentativa inibida de desintegração.

7 A *cisão* como fragmentação múltipla não aparece em Freud até certos parágrafos de *Análise terminável e interminável*.

8 S. Ferenczi. “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”, in *Obras completas*.

9 S. Ferenczi, “O problema da afirmação do desprazer”.

10 S. Ferenczi, *NF*, nota de 10 de agosto de 1930...

11 Para Derrida a noção de desconstrução já carrega implícita a de reconstrução, dois tempos que Ferenczi nomeia como diferentes. No dicionário da Real Academia Española: “*Deconstruir: deshacer analíticamente algo para darle una nueva estructura*” [Desconstruir: desfazer analiticamente algo para dar-lhe uma nova estrutura].

12 S. Ferenczi, *op. cit.*

13 S. Ferenczi, “O problema da afirmação do desprazer”, in *Obras completas*.

14 S. Ferenczi, “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, in *Obras completas*.



*faz-se então necessário  
refletir sobre a teoria pulsional  
ferencziana, para articulá-la  
à gênese do sujeito.  
Para isso, farei um desvio,  
que implica adicionar  
às já existentes minha especulação  
ou elocubração sobre  
o significado de Orpha.*

adaptação é precedida de uma tentativa inibida de desintegração (NF); 12 de janeiro de 1932, *Caso de esquizofrenia progressiva (R.N.)* (DC)<sup>15</sup>; 23 de março de 1932, *Do princípio masculino e feminino na natureza* (DC); 10 de junho de 1932, *Faquirismo* (DC); 14 de setembro de 1932, *Os três princípios capitais* (NF) e mais uma Nota não datada. Além disso, o pós-escrito de “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”<sup>16</sup> só se torna compreensível se não se considera a ação de uma suposta pulsão de morte<sup>17</sup>.

O abandono do conceito fica telegraficamente certificado com a nota não datada já aludida: “Nada além de pulsão de vida, a pulsão de morte é um erro (pessimista)”<sup>18</sup>. É capaz que seja só uma ocorrência – até certo ponto todas as notas assim são –, mas dado que não está datada, não sabemos se é anterior a, ou encerra, uma neoteoria pulsional que se inicia com um diferente e atenuado dualismo. Escreve: “A pulsão de autoconservação e a pulsão de conciliação constituem juntas a existência”<sup>19</sup>, e adotando a ideia freudiana de que as pulsões se configuram como tendências, distingue uma “tendência egoísta”

formada pelas “pulsões de autoconservação”, de outra “tendência altruísta” configurada pelas “pulsões de conciliação”.

Não me esqueço do meu suposto principiante em Ferenczi. Quando chegar à nota de 04 de agosto de 1932 (Sem título) na qual o autor, recordando *Thalassa*<sup>20</sup>, escreve que “uma reedição implicaria em uma reescritura”, pensará que Ferenczi poderia ter aplicado este mesmo comentário a “O problema da afirmação do desprazer”<sup>21</sup>, no que se refere às pulsões que configuram o sujeito, visto que em sua neoteoria descartou a existência de uma pulsão de morte, responsável naquele artigo pela desconstrução.

Faz-se então necessário refletir sobre a teoria pulsional ferencziana, para articulá-la à gênese do sujeito. Para isso, farei um desvio, que implica adicionar às já existentes minha especulação ou elocubração sobre o significado de *Orpha*.

Apesar de a palavra aparecer somente nas notas datadas póstumas e escassas vezes (nove vezes citada explicitamente), para muitos estudiosos tornou-se um termo misterioso, atrativo e promissor. O fato de que a palavra venha quase sempre entre parênteses ou aspas faz pensar que o autor só precisa se recordar de uma noção que já tem esclarecida, mas que não esclarece para nós. Ferenczi não está falando, ainda, para ser lido, e sim para si mesmo. Por isso a proliferação de hipóteses sobre o significado de *Orpha*. Investigações por vezes muito interessantes, como as de Carlos Castillo<sup>22</sup> ou Carmen Acedo<sup>23</sup> entre nós, ou as de Nancy Smith<sup>24</sup>.

No meu caso, vou dar por boa e suficiente a segunda alusão a *Orpha*<sup>25</sup>, primeira das quatro que estão na nota de 12 de janeiro de 1932<sup>26</sup>, na qual o autor escreve: “pulsões vitais organizadoras (*Orpha*)”<sup>27</sup>. Além de ser o vislumbre de explicação mais inteligível, escolho também e sobretudo esse fragmento porque é o mais adequado frente ao que pretendo aprofundar: a influência das pulsões, tal como as pensa o último Ferenczi, na construção do sujeito.

Depois da menção recentemente referida, fala em seguida de “forças órficas”<sup>28</sup>. Por que não

pensar, então, que com o órfico esteja se referindo a Orfeo, mas tal como o venerava o *Orfismo*? Este item figura no *Diccionario del mundo antiguo*<sup>29</sup> definido assim: “Orfismo: Doutrina pseudorreli-giosa heterogênea elaborada basicamente no século VI a.C. [...] Em sua doutrina a filosofia conflui com a religião. Nela o homem é concebido como uma mistura de natureza divina dionisíaca com outra terrestre titânica”.

Talvez Ferenczi tenha situado sua teoria pulsional sob a égide do orfismo, da mesma forma que Freud situou sua segunda tópica sob a do Empédocles de Agrigento<sup>30</sup>, segundo a qual as grandes forças que movem o ser humano são “amor e discórdia”. Pensar que *Orpha* pode ser utilizado por Ferenczi de modo similar se sustenta ainda no *utraquismo* ferencziano, que nesse caso se completa aplicando à teoria pulsional a

»

*embora por a mãe ser  
suficiente e não perfeita,  
se produzirão falhas  
no holding, e são essas falhas  
os momentos de desconstrução  
de que falava o artigo  
de Ferenczi de 1926*

15 S. Ferenczi, *Diário clínico*. A partir daqui: *DC*.

16 S. Ferenczi, “Confusão de línguas entre os adultos e a criança, A linguagem da ternura e da paixão”.

17 A pergunta que se faz Ferenczi sobre como se introduz o sofrimento em um ser em estado de ternura tem fácil resposta para quem pode atribuí-lo à pulsão de morte.

18 J. Dupont, “Las notas breves inéditas de Sándor Ferenczi”, *Inter-subjetivo*, p. 243-263.

19 S. Ferenczi, *DC*, nota de 23 de fevereiro de 1932, Do princípio masculino e feminino na natureza...

20 S. Ferenczi, *Thalassa*, in *Obras completas*.

21 S. Ferenczi, “O problema da afirmação do desprazer”, in *Obras completas*.

22 C.A. Castillo Mendoza, “À propos d’Orpha”, *Le Coq-Heron*, n. 239, p. 53-65.

23 C. Acedo Manteola, “Sándor Ferenczi y Elizabeth Severn, el relato de un viaje sin retorno”, *Clínica y análisis grupal*, v. 30, n. 100, p. 95-118.

24 N. Smith, “Orpha reviving: toward an honourable recognition of Elizabeth Severn”, *International Forum of Psychoanalysis*, v. 7, n. 4, p. 241-246.

25 Não entro no mérito sobre o nascimento do termo, sobre se corresponde a Ferenczi, a Elizabeth Severn, ou a uma colaboração entre ambos. Me limito a constatar que Ferenczi o torna seu, próprio.

26 S. Ferenczi, *DC*, nota de 12 de janeiro de 1932. Caso de esquizofrenia progressiva.

27 S. Ferenczi, *Organisierende Lebenstriebe*.

28 “Essas mesmas forças ‘órficas’ parecem já ter estado presentes na época do primeiro choque”.

29 P. Fernández Uriel; A. Vázquez Hoys, *Diccionario del mundo antiguo*.

30 Em S. Freud (1937c) e (1940a [1938]).

31 S. Ferenczi, *DC*, nota de 16 de junho de 1932. Sentimento de personalidade (sentimento de sua própria grandeza, forma, valor) como produto do reconhecimento pelo mundo circundante.

32 D.W. Winnicott, *A criança e seu mundo*.

33 H. Kohut, *Análise do self*.

filosofia e pseudorreli-gião próprias do *Orfismo*. E assim como “amor e discórdia” são a base para Freud da teoria pulsão de vida/pulsão de morte, a dupla natureza titânica e dionisíaca do ser humano se converte, ao ser aplicada à psicanálise, no fundamento de sua teoria “pulsões de autoconservação” versus “pulsões de conciliação”. Que essas duas variantes se coordenem para estruturar o sujeito de forma saudável ou patológica dependerá essencialmente da intensidade destrutiva dos traumas precoces.

As titânicas pulsões de “autoconservação”, também nomeadas como “de domínio”, de “autoafirmação” ou “egoístas”, são a princípio muito frágeis, precisam ser reforçadas por uma “pressão externa”, por um “amor de volta”<sup>31</sup>. A ideia está muito próxima a Kohut e a Winnicott, a “mãe suficientemente boa”<sup>32</sup> deste último, que brinda esse “amor de volta”. Embora por suficiente e não perfeita, se produzirão falhas no *holding*, e são essas falhas os momentos de desconstrução de que falava o artigo de Ferenczi de 1926. Se o “olhar vivo da mãe”<sup>33</sup> reaparece *suficientemente*, se produzirá a reunificação, e o processo continuará em



*as dionisíacas*  
*“pulsões de conciliação”*  
*são a forma ferencziana*  
*de entender a tendência*  
*à socialização,*  
*o terreno da*  
*empatia, em parte*  
*da capacidade de sublimação,*  
*do vínculo e do compromisso*  
*com o outro e com os outros*

direção à individuação e subjetivação. Se o “amor de volta” não se produz ou nunca existiu, a desconstrução/fragmentação degenera em destruição/atomização/desmaterialização, em marasmo psicofísico. O recém-nascido tende a afundar-se no universo, podendo até chegar a morrer, como ocorre nos casos estudados por Spitz, crianças bem atendidas, bem cuidadas, mas sem “amor de volta”.

Quanto às dionisíacas<sup>34</sup> “pulsões de conciliação”, também denominadas “de divisão”, “de comunhão” ou “altruístas”, espelho que correspondam à natureza dionisíaca do homem, com sua tendência à reunião feliz, à orgia, à “comum-união”, como ao menos a edição francesa realça ao falar de “pulsões de comunhão”.

São a forma ferencziana de entender a tendência à socialização, o terreno da empatia, em parte da capacidade de sublimação, do vínculo e do compromisso com o outro e com os outros. Contrária à debilidade neonatal das “pulsões de autoconservação”, as de “conciliação” (de conciliação com o outro) são extremamente ativas desde o nascimento, são a base pulsional para a

identificação primária, que Freud definia como prévia a qualquer catexia de objeto, mecanismo que Ferenczi pensa ter ficado sem que o próprio Freud tirasse grandes conclusões. A forma peculiar de nosso autor se referir a estas identificações neonatais, massivas e passivas, é denominando-as como ocorrendo principalmente em uma fase neonatal, “fase de mimicry” (mímica) ou “período de mimetismo puro”<sup>35</sup>.

Se esse mimetismo surge em um vínculo com figuras de autoridade, pai ou mãe, suficientemente bons, em ação conjunta com as pulsões de autoconservação, conduzirão a uma individuação saudável, egoísta por seu lado titânico, altruísta por seu lado dionisíaco. Também quanto ao dionisíaco, é preciso ressaltar a flexibilidade que representa considerar a noção de “suficientemente bom”. Sempre se produzirão desencontros, frustrações provenientes do outro, “pequenos traumas fáceis de dominar”<sup>36</sup>. E são esses os momentos em que, nesse eixo dionisíaco, se convertem em momentos de desconstrução que, pela reaparição do objeto bom, reconstroem, melhorando o processo de socialização do sujeito.

Se o objeto de identificação primária não é suficientemente bom, tal processo se vê impedido ou transtornado por suas ações disruptivas, causadoras de traumas precoces, intensos e massivos. Ferenczi destaca como base desses traumas os denominados “transplantes estranhos”<sup>37</sup>, vegetativos, introjeções de caráter desprazeroso, incorporadas por mimetismo, que darão lugar a todo tipo de patologias. Em tais casos, como no das tendências de natureza titânica, a desconstrução transformou-se em destruição.

De forma gráfica, poderíamos pensar na ação conjunta do titânico e do dionisíaco situando-os sobre os eixos cartesianos<sup>38</sup> de abscissas e ordenadas, e considerar no de abscissas a individuação, e no de ordenadas a socialização, ou vice-versa. Os pontos resultantes da combinação de ambos poderiam servir de base para abordar as distintas patologias e seus distintos graus no processo de gênese do sujeito.

Mas, ao chegar a essa vulgarização cartesiana, o principiante de primeiro ano, e eu que estou no segundo, consideramos que já fomos suficientemente longe. Ficamos nos perguntando em que medida nos afastamos de Freud ao desconsiderar a participação da pulsão de morte na construção do sujeito. A resposta depende. Se lemos *O mal-estar na civilização*<sup>39</sup>, onde, mais ou menos, aquele que não valida a hipótese da pulsão de morte é apresentado como um “garotinho” que não se atreve a caminhar pelo “lado selvagem”<sup>40</sup> da vida, teremos que reconhecer que somos freudianos muito críticos.

Se nos ativermos à introdução da suposta pulsão, tal como Freud a apresenta: “O que se segue é especulação, às vezes especulação extremada, que cada um pode apreciar ou dispensar, conforme a atitude que lhe for própria”<sup>41</sup>, somos freudianos que optaram, entre as duas posições que aqui certifica, por dispensar a pulsão

de forma gráfica,  
poderíamos pensar na ação  
conjunta do titânico  
e do dionisíaco situando-os  
sobre os eixos cartesianos  
de abscissas e ordenadas,  
e considerar no de abscissas  
a individuação, e no de  
ordenadas a socialização,  
ou vice-versa

de morte. (Freudianos certamente críticos, isso sempre).

34 Utilizo o adjetivo *dionisíaco* de forma mais ou menos fiel à mitologia grega. Sobre o dionisíaco também escreveram Carmen Acedo e Jô Gondar em “A vontade de (se) destruir. Ferenczi com Nietzsche”, mas discorrendo principalmente a partir da visão de Nietzsche.

35 S. Ferenczi, *DC*, nota de 30 de junho de 1932. Projeção da psicologia dos adultos sobre as crianças.

36 S. Ferenczi, *NF*, nota de 07 de setembro de 1930. Ideias a propósito de um modelo biológico da formação do superego.

37 S. Ferenczi, *DC*, nota de 07 de abril de 1932. Destino dos filhos de doentes mentais.

38 Descartes forma parte das abordagens utraquistas de Ferenczi. Veja: S. Ferenczi, *DC*, As paixões dos adultos e sua influência sobre o desenvolvimento do caráter e da sexualidade da criança, e S. Ferenczi. *Post Scriptum*.

39 S. Freud, *O mal-estar na civilização*, in *Obras completas*.

40 Lou Reed, *Walking on the wild side*.

41 S. Freud, *Além do princípio do prazer*, p. 136.



## Referências bibliográficas

- Acedo Manteola C. (2008). Sándor Ferenczi y Elizabeth Severn, el relato de un viaje sin retorno. *Clínica y análisis grupal*, v. 30, n. 100, Madrid: Imago, p. 95-118.
- Castillo Mendoza, C.A. (2019). À propos d'Orpha. *Le Coq-Héron*, n. 239, Paris, p.53-65.
- Dupont, J. (1998). Les notes brèves inédites de Sándor Ferenczi. *Le Coq-Héron*, n. 149.
- \_\_\_\_\_. (2000). Las notas breves inéditas de Sándor Ferenczi. *Intersubjetivo*, v. 2, n. 2, p. 243-263.
- Ferenczi S. (1932/2010). *Post Scriptum*. São Paulo: Escuta.
- \_\_\_\_\_. (1913/2011). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In *Obras completas*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1921/2011). Reflexões psicanalíticas sobre os tiques. In: *Obras completas*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1924/2011). Thalassa. In *Obras completas*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1926/2011). O problema da afirmação do desprazer. In *Obras completas*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1929/2011). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In *Obras completas*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1933/2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança, A linguagem da ternura e da paixão. In *Obras completas*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1920-1930-1933/2011). Notas e fragmentos. In *Obras completas*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1932/1997). *Sin simpatía no hay curación. El diario clínico de 1932*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1932/1988). *Diario clínico*. Buenos Aires: Conjetural.
- \_\_\_\_\_. (1932/1985). *Journal clinique*. Paris: Payot.
- \_\_\_\_\_. (1932/1988). *Ohne Sympathie keine Heilung. Das klinische Tagebuch von 1932*. Frankfurt: S. Fischer Verlag.
- Fernández Uriel P.; Vázquez Hoys A. (1994). *Diccionario del mundo antiguo*. Madrid: Alianza.
- Freud S. (1920/2010). Além do princípio do prazer. In *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1930/2018). O mal-estar na civilização. In *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1939a/2018). Análise terminável e interminável. In *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1937-1939/2018). Moisés e o monoteísmo. In *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (2019). *Esboço de psicanálise*. São Paulo: Cienbook.
- Freud S.; Ferenczi S. (1920-1933/2000). *Correspondance*. Paris: Calmann-Lévy.
- Gondar J. (2017/2022). A vontade de (se) destruir. Ferenczi com Nietzsche. In Reis E.S.; Gondar J. *Com Ferenczi*. São Paulo: Zagodoni Editora Eirelli.
- Kohut H. (1988). *Análise do self*. Imago.
- RAE – La Real Academia Española. (2014). *Diccionario de la lengua española*. xxiii edición. Madrid.
- Smith N. (1998). Orpha reviving: toward an honourable recognition of Elizabeth Severn, *International Forum of Psychoanalysis*, v. 7, n. 4, p. 241-246.
- Winnicott D.W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.

## The construction of the psychic subject

**Abstract** The topic begins to be addressed through the 1926 text *The Problem of the Affirmation of Displeasure*, reflecting on the cycle of construction/destruction/reconstruction, as well as on the mechanism of splitting (fragmentation). An attempt is made to apply the new drive theory that the author conceives after the sequence described in 1926, partly by speculating on the “mysterious” notion of *Orpha*.

**Keywords** construction; deconstruction; fragmentation; *Orpha*; self-preservation drives; reconciliation drives.

**Texto recebido:** 09/2024.

**Aprovado:** 10/2024.